

Hospital desperdiça os órgãos de doador

Geralda Fernandes

Uma falha na comunicação do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) impediu que parte do desejo do estudante Marcos Antônio Carrias Miranda Filho, 22 anos — de que seu corpo beneficiasse a medicina após sua morte —, fosse atendida. Os rins não puderam ser aproveitados por apresentarem má formação congênita e as córneas, que poderiam dar visão a duas das 180 pessoas que aguardam por transplante na fila do Banco de Olhos do hospital, não foram transplantadas pela “não localização dos membros da equipe de oftalmologia”, segundo informou o diretor do HBDF, Mauro Guimaraens.

Após a constatação pelos médicos de morte cerebral — em virtude de um acidente de trânsito na terça-feira —, os pais do estudante, Marcos Antônio Carrias Miranda e Ina Moreira Miranda, decidiram pela doação dos órgãos para transplantes, um ato de humanidade e, ainda, raro entre os familiares das vítimas. “É lamentável que o desejo do nosso filho não tenha sido satisfeito”, lamentou o pai, integrante do Lions Clube, que auxilia em campanhas para captação de órgãos. “Deve ter sido a vontade de Deus”, resignou-se a mãe.

“Meu filho era uma pessoa muito dada, tinha o espírito para servir, é uma pena que sua vontade não foi cumprida”, disse Marcos Antônio, acrescentando que o filho havia saído para ajudar uma pessoa quando sofreu o acidente — um



Reprodução

Marcos: melhores intenções

Garden e depois removido para o HBDF devido à gravidade das lesões. Os pais fazem questão de ressaltar que foram bem atendidos nos dois hospitais. “Encontramos pessoas humanas e a doação foi espontânea”, complementou a mãe do estudante.

A constatação de morte cerebral se deu por volta de 1h00 de quarta-feira e até as 5h00 os médicos fizeram cirurgias para a retirada dos rins. Durante este tempo, ninguém da oftalmologia foi localizado, segundo o diretor do HBDF, Mauro Guimaraens. Ele lamentou o ocorrido e espera que as doações, tão difíceis de serem conseguidas, não sejam prejudicadas. “Se eu tivesse sido avisado, isso não teria acontecido”, queixou-se o coordenador de Banco de Olhos do hospital, Francisco Silvino de Brito, atualmente em licença médica de suas funções.

Apesar de não saber como as coisas aconteceram, ele acredita em falha no esquema montado para estas situações, no serviço de emergência. “Tem sempre um médico de plantão na Clínica Geral ligado à oftalmologia e que tem obrigação de dar informação do que é e de como funciona o Banco de Olhos. Existem residentes preparados para fazer a retirada das córneas, com nomes e telefones no Pronto-Socorro, e a determinação é de que sejam localizados a qualquer dia e a qualquer hora. Mesmo em casa e de licença, se eu tivesse sido avisado teria dado um jeito. Até de férias já tomei providências nesse sentido”, lamentou.